

Violência na Escola: percepções de professores e alunos do ensino público e particular de São Leopoldo, RS

Simone Bicca Charczuk
Marcos Alencar Abaide Balbinotti

Resumo

Apesar da violência ser importante tema de investigação, ainda são incipientes as pesquisas nas quais o ambiente escolar é priorizado como local de manifestação de situações violentas. Nesse sentido, o objetivo desse trabalho foi investigar percepções de professores e alunos de São Leopoldo/RS acerca do tema. Participaram 3 professores e 2 alunos de uma escola particular e 3 professores e 2 alunos de uma escola pública. Foi utilizada uma entrevista semi-estruturada para investigar os seguintes aspectos: ocorrência de fatos ligados à violência, preocupações frente à ocorrência desse fenômeno, concepções (significados) de violência na escola, fatores geradores de violência e formas utilizadas pelas escolas/alunos para enfrentá-la. Os dados foram submetidos à análise de conteúdo. Os dados obtidos fornecem subsídios interpretativos que podem auxiliar a elaboração de futuras propostas de investigação e intervenção junto a esse contexto.

Palavras-chave: *violência, escola, professores, alunos*

Abstract

Despite of the violence to be important investigation theme, they are still incipient the researches in which the school ambients is prioritized as place of manifestation of violent situations. In that side, the objective of that work was to investigate teachers and students' of São Leopoldo/RS perceptions concerning the theme. Three teachers and two students of a private school and three teachers and two students of a public school participated. An semi-structured interview was used to investigate the following aspects: occurrence of linked facts to the violence, concerns front to the occurrence of that phenomenon, conceptions (meanings) of violence in the school, generating factors of violence and forms used by the schools/students to face it. The data were submitted to the content analysis. The obtained data supply interpretative subsidies that can aid the elaboration of future proposed of investigation and intervention close to that context.

Key words: *violence, school, teachers, students*

1 Introdução

Atualmente, a violência é um fenômeno disseminado internacionalmente. Na década de 1980, a violência aparece como importante tema de investigação no campo da saúde pública mundial (MINAYO, 2002). Nesse período, começam a ser realizadas várias pesquisas internacionais e nacionais a fim de investigar o tema da violência, principalmente envolvendo, como população-alvo, crianças e adolescentes. Apesar das pesquisas enfocarem esse grupo etário na investigação do fenômeno da violência, utilizando a escola como local de coleta de dados, ainda são recentes as produções que priorizam o ambiente escolar como local de manifestação de situações ligadas à violência (SILVA, 1997; SPOSITO, 2001).

No que se refere às pesquisas acerca da violência na escola, alguns estudos internacionais enfatizam a relação da violência com o uso e porte de armas (HILL e DROLET, 1999; PITTEL, 1998), o uso de substâncias/disponibilidade

de de drogas ilegais na escola (LOWRY et al., 1999), o comportamento agressivo (BROCKENBROUGH, CORNELL e LOPER, 2002), a identificação de risco (BURNS, DEAN e JACOB TIMM, 2001), o comportamento de *bullying* (vitimização entre pares) (BULACH, FULBRIGHT e WILLIAMS, 2003; NATVIG, ALBREKTSEN e QVARNSTROM, 2001). Ainda são encontrados estudos que objetivaram investigar as percepções de professores (FISHER e KETTL, 2003; PIETRZAK, PETERSEN e SPEAKER, 1998) e as de adolescentes (O'KEEFE, 1997; SILVA, 1997) acerca da violência na escola, bem como algumas propostas de intervenção no contexto escolar (FARREL et al., 2001; PAIN, 2001).

No Brasil, algumas pesquisas existentes sobre o tema enfatizam a relação da violência escolar e o uso de drogas (ABRAMOVAY, 2003; BATISTA e EL-MOOR, 1999) e a violência dos bairros periféricos do Rio de Janeiro (GUIMARÃES, 1995). Em ampla pesquisa descritiva realizada pela UNESCO (ABRAMOVAY, 2003) são abordados o uso

e porte de armas, violência sexual e ameaças como formas de violências ocorridas em ambiente escolar. Outros estudos enfocam a percepção de alunos de escolas públicas e particulares acerca da violência na escola (CASTRO, 1998; LUCINDA, NASCIMENTO e CANDAU, 1999; OLIVEIRA, 1995; SILVA, 1997), a identificação de fatores que geram esse tipo de violência (REIS, IMPROISE e VELOZO, 2003), a identificação de violência escolar praticada por adolescentes (CAMARGO et al., 1999; SANTOS, 1998) e, finalmente, a violência contra os pares em uma escola pública e outra privada de Vitória/ES (CAMACHO, 2001). Destaca-se também, o estudo conduzido pelo Instituto Latino Americano das Nações Unidas para Prevenção do Delito e Tratamento do Delinqüente sobre a vitimização em ambiente escolar (ILANUD, 2000).

A partir das considerações teóricas precedentes e dos dados de pesquisa encontrados na literatura constata-se que o tema da violência na escola vem ganhando destaque. Tendo em vista a importância desse fenômeno para a saúde e bem estar da comunidade escolar e a necessidade de levantamentos de dados que possibilitem um mapeamento que privilegie a situação atual desse fenômeno em nível local, o objetivo desse trabalho foi investigar as percepções de professores e alunos de uma escola estadual e uma escola particular de São Leopoldo/RS acerca do tema “violência na escola”. Os dados obtidos através dessa investigação, juntamente com aqueles apresentados nas pesquisas citadas, poderão fornecer subsídios para outros estudos que visem investigar ou aprofundar a pesquisa desta temática.

2 Considerações metodológicas

Para esse estudo de caráter qualitativo-exploratório (TRIVIÑOS, 1987) foram contatadas todas as escolas do município de São Leopoldo. Por telefone apresentava-se a proposta da pesquisa e era solicitada autorização para a realização de entrevistas com professores e alunos. Algumas escolas negaram a possibilidade de execução do trabalho, seja pelo tema abordado ou pela impossibilidade de disponibilizar professores e alunos para entrevista. Assim, dentre as escolas que se mostraram favoráveis à realização do estudo, foram selecionadas duas escolas (uma estadual e outra particular) de acordo com a vontade expressa de discutir o tema e com a facilidade de acesso da equipe de pesquisa ao local da escola, caracterizando uma escolha pela disponibilidade e acessibilidade (MAGUIRRE e ROGERS, 1989). As direções das escolas autorizaram tanto a presença dos pesquisadores no ambiente escolar quanto o uso dos equipamentos para a gravação das entrevistas.

Como a abordagem para a entrevista ocorreu durante o período do recreio, foram convidados a participar alunos e professores que se dispusessem a estar conversando sobre o assunto, tomando-se o cuidado de manter o mes-

mo número de alunos participantes tanto na escola estadual quanto na escola particular, com faixa etária e tempo de estudo na escola similares. Optou-se também por entrevistar uma orientadora educacional de cada escola por entendermos que essa profissional tem uma visão mais ampla do ambiente escolar por estar fora da sala de aula. Tanto os professores quanto os alunos foram convidados a participar do estudo sendo-lhes assegurada a confidencialidade de suas respostas e respeitando as demais considerações éticas inerentes à pesquisa com seres humanos conforme previsto na Resolução do Ministério da Saúde nº 196/96 (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 1999). Assim, participaram da pesquisa seis professores e quatro alunos. Desses, três professores (sendo uma orientadora educacional) e dois alunos do ensino fundamental eram originários de uma escola estadual, e, os outros três professores (sendo uma orientadora educacional) e dois alunos, também do ensino fundamental, eram originários de uma escola particular. Os quatro alunos tinham idades que variavam de 10 a 13 anos. Quanto aos seis professores, suas idades variavam entre 35 e 45 anos. No que se refere ao tempo de escolaridade dos alunos na escola, ambos os alunos da escola estadual são estudantes do estabelecimento a 8 anos e ambos os alunos da escola particular são estudantes do estabelecimento a 5 anos. Os três professores da escola estadual trabalham no estabelecimento de 7 meses a 10 anos. Na escola particular, os professores trabalham no estabelecimento de 7 anos a 10 anos.

Como instrumento para coleta de dados foi utilizado uma entrevista semi-estruturada com a qual se buscou investigar os seguintes matizes do tema “violência na escola”: (1) *ocorrência de fatos ligados à violência na escola*, (2) *preocupações frente à ocorrência de violência na escola*, (3) *concepções (significados) de violência na escola*, (4) *fatores geradores de violência em ambiente escolar* e, finalmente, (5) *formas utilizadas pelas escolas/alunos para enfrentar a violência*.

Tanto os professores quanto os alunos foram entrevistados individualmente e em local apropriado (sem interferências externas, ruídos, etc.). As entrevistas duraram cerca de 40 minutos cada, e foram gravadas e transcritas. Os dados foram submetidos à análise de conteúdo (BARDIN, 1995) e as categorias foram agrupadas dentro de cada matiz investigado (BOGDAN e BIKLEN, 1994). Para a geração de cada categoria foram agrupadas falas de alunos e professores que expressavam idéias ou conteúdos similares. Como cada entrevistado pode ter mencionado mais de uma categoria dentro do mesmo matiz e/ou diversas idéias/conteúdos que foram agrupados na mesma categoria, o que foi contabilizado como frequência, dentro de cada categoria, foi o número de vezes que cada idéia/conteúdo foi mencionado e não o número de professores e alunos entrevistados.

3 Apresentação dos dados

3.1 Percepções dos professores

No que se refere à *ocorrência de fatos ligados à violência na escola*, sob o enfoque dos tipos de violência ocorridos na escola, os professores da escola estadual citaram como categoria mais freqüente as “brigas nos corredores” (freqüência 2). Outras categorias citadas foram: “arruaças”, “ameaças”, “pegas de automóveis nos arredores da escola”, “agressões verbais de alunos contra professores”, “provocações entre alunos” e “fofocas” (cada uma com freqüência 1). No que se refere aos professores da escola particular, “agressões verbais” foi a categoria mais citada (freqüência 3). Em segundo lugar, foi citada a categoria “agressividade” (freqüência 2). Os professores ainda mencionaram o “uso de drogas fora da escola”, as “agressões físicas” (tapas, chutes), “assaltos nos arredores da escola”, “brigas no recreio”, “banheiros riscados” e a “intolerância dos alunos” (cada categoria com freqüência 1). A ocorrência de “fofocas” (freqüência 1) também aparece citada.

Tanto na escola estadual quanto na escola particular (categorias com freqüência 1 em cada escola), os professores citaram como *preocupações frente à ocorrência de violência na escola* a “impotência” sentida por eles em lidar, por um lado, com a violência externa à escola e, por outro lado, com o fato dos “pais não imporem limites” aos seus filhos. Os professores da escola estadual também citaram que “a escola ainda não está preparada para enfrentar o fenômeno da violência”, o “aumento da criminalidade”, a “não preocupação social para com a violência” e a “influência da família em condutas violentas dos alunos”. Os professores da escola particular citaram como preocupação o “imediatismo da sociedade atual”, o “individualismo” e o “contexto social contemporâneo”.

Como *concepções (significados) de violência na escola*, os professores de ambas as instituições (estadual e particular) se referiram a “ocorrência de agressão física em ambiente escolar”. Foram ainda citadas, pelos professores da escola estadual: a “ocorrência de ofensas morais”, “andar armado”, “existência de gangues nos arredores”, “invasão de pessoas na escola” e a “não solidariedade”. Os professores da escola particular definiram como violência na escola as seguintes categorias: a “exclusão de alunos do sistema de ensino”, o “autoritarismo”, a “discriminação”, a “violência familiar que é relatada pelos alunos” e a “agressividade”, considerada própria do adolescente. Todas as definições mencionadas pelos professores das duas escolas foram citadas uma vez.

Os professores da escola estadual e da escola particular mencionaram, como *fatores geradores de violência em ambiente escolar*, questões vinculadas a “família do aluno” e questões “sociais/econômicas” (ambas as categorias com freqüência 2 em cada uma das escolas), a “televi-

são/internet/mídia” (freqüência 1 na escola estadual e freqüência 2 na escola particular), “utilização de drogas”, “tráfico” e a “influência dos amigos” (ambas categorias com freqüência 1 em cada uma das escolas). Os professores da escola estadual mencionaram ainda a “deficiência da escola para a inclusão social” e “fatores de personalidade dos alunos” (freqüência 1 para cada categoria). O “sentimento de abandono do aluno” e a “diminuição da tolerância” foram citados pelos professores da escola particular (freqüência 1 cada categoria).

Como *formas utilizadas pelas escolas/alunos para enfrentar a violência*, diga-se, as ações propostas para o combate à violência em ambiente escolar, tanto professores da escola estadual como professores da escola particular mencionaram a promoção de “debates sobre a temática da violência em sala de aula” (categoria com freqüência 2 na escola estadual e com freqüência 3 na escola particular), o “envolvimento das famílias” nas questões que envolvem a manifestação de violência na escola por parte dos alunos (categoria com freqüência 2 em ambas escolas) e a “utilização de advertências aos alunos” (categoria com freqüência 1 em ambas escolas). Foram ainda citadas, pelos professores da escola estadual, as categorias “promoção de atividades extra-classe na escola para alunos e familiares” (freqüência 2) e o “diálogo com o aluno” (freqüência 3). Os professores da escola particular citaram “trabalhar questões de valores e respeito com os alunos”, “proporcionar que os alunos se engajem em projetos de parceiros voluntários” (ambas categorias com freqüência 2), “trabalhar essa temática na reunião de professores”, “disponibilizar que alunos auxiliem seus pares no processo de aprendizagem”, “recuperar o patrimônio ou os materiais da escola estragados” e “instrumentalizar os pais para a educação dos filhos” (todas categorias com freqüência 1).

3.2 Percepções dos alunos

No que se refere à *ocorrência de fatos ligados à violência na escola*, sob o enfoque dos tipos de violência ocorridos na escola, os alunos de ambas as escolas mencionaram “agressão física” (freqüência 6 na escola estadual e freqüência 7 na escola particular). As agressões físicas agrupadas nessa categoria correspondem à ocorrência de tapas, socos, puxar cabelo, empurrão (escola estadual) e de tapas, empurrão, chute, soco, puxar cabelo (escola particular). Os alunos das duas escolas também citaram a ocorrência de “agressões verbais” (freqüência 1 na escola estadual e freqüência 2 na escola particular). Entre as agressões verbais reunidas nessa categoria foram citados xingamentos na escola estadual e xingamentos, falar palavrão na escola particular. Foram ainda citados pelos alunos da escola estadual os “desentendimentos entre alunos” dentro e fora da escola (cada categoria com freqüência 1) e as “ameaças” na escola particular (freqüência 1).

Quanto às *preocupações frente à ocorrência de violência na escola*, as manifestações dos alunos da escola estadual giraram em torno da “insegurança”, do “medo de morrer” e da “perda de confiança nas pessoas” (cada categoria com frequência 1). Os alunos da escola particular citaram como preocupação “se machucar”, a “permanência/aumento da violência” e “receber advertência da escola” por causa de comportamentos ligados à violência (igualmente, cada categoria com frequência 1).

Quanto às *concepções (significados) de violência na escola*, segundo os alunos de ambas as escolas, a violência pode ser definida como “agressões físicas” (frequência 1 na escola estadual e frequência 2 na escola particular). Ainda foi citado pelos alunos da escola estadual: o “envolvimento de estranhos” em brigas na escola (frequência 1). Já, “agressões verbais” (frequência 2), “ofensas” e “brincadeiras de mau gosto” (cada categoria com frequência 1) também foram citadas na definição de violência na escola elaborada pelos alunos da escola particular.

Com relação aos *fatores geradores de violência em ambiente escolar*, tanto alunos da escola estadual como alunos da escola particular mencionaram “provocação entre alunos/rixas” (frequência 1) e questões relativas à “personalidade dos alunos” (frequência 2 na escola estadual e frequência 1 na escola particular). Foram ainda citados pelos alunos da escola particular “querer chamar atenção dos outros”, “influência dos amigos” e “violência na família” (todas com frequência 1).

Considerando as *formas utilizadas pelas escolas/alunos para enfrentar a violência*, tanto os alunos da escola estadual quanto particular mencionaram a “conversa” (categoria com frequência 1 em ambas escolas). Ainda, na escola estadual, os alunos citaram as categorias “não discutir” (frequência 1) e “não provocar” (frequência 2). Os alunos da escola particular citaram as categorias “contar para alguém/buscar ajuda” (frequência 2), “não se meter” (frequência 1) e “agredir também” (frequência 1).

4 Discussão dos dados

Através das entrevistas de professores e alunos pode-se perceber que as agressões físicas e verbais são amplamente citadas como tipos de violência que ocorrem frequentemente em ambiente escolar, tanto na escola estadual quanto na escola particular. Esses dados corroboram com a pesquisa realizada por Lucinda, Nascimento e Candau (1999) que encontraram, em seu estudo com professores, as brigas e agressões verbais entre alunos como formas de violência mais citadas. A ocorrência de agressões físicas entre alunos é também destacada como um evento frequente no estudo desenvolvido por Batista e El-Moor (1999) e na pesquisa empreendida pelo Instituto Latino Americano das Nações Unidas para Prevenção do Delito e Tratamento do Delinqüente (ILANUD, 2000). Outro tipo

de violência em ambiente escolar mencionado nos estudos de Abramovay (2003) e Batista e El-Moor (1999) são ações contra o patrimônio da escola. Porém, no presente estudo essa categoria foi citada apenas uma vez por professores da escola particular. Ações violentas nos arredores da escola também foram citadas por professores e alunos entrevistados. Reis, Improise e Velozo (2003), em seu estudo, destacaram a ocorrência de comportamentos violentos extra-classe (que ocorrem fora da sala de aula, mas no ambiente escolar ou nos arredores da escola) tais como brigas e vandalismo como uma das manifestações da violência na escola.

No que se refere às preocupações em relação à violência na escola, uma das categorias citadas pelos professores de ambas as estabelecimentos foi o sentimento de impotência em trabalhar com questões relacionadas à violência externa à escola. No estudo realizado por Lucinda, Nascimento e Candau (1999), o medo em lidar com situações de violência externa ao ambiente escolar é referido pelos professores entrevistados como uma dificuldade para o trabalho docente. Outra categoria mencionada pelos professores das duas escolas foi o fato dos pais não imporem limites aos seus filhos. Lucinda, Nascimento e Candau (1999) referem que a ausência de limites também foi apontada por professores entrevistados como um dos fatores geradores de violência na escola. A falta de supervisão da família em casa é também citada por 96% dos professores em estudo desenvolvido por Fisher e Kettl (2003) como fator gerador de violência em ambiente escolar. De uma maneira geral, os alunos demonstraram, através das entrevistas, que as suas preocupações frente à violência em ambiente escolar envolvem o cuidado com a integridade física. Já as preocupações mencionadas pelos professores abrangem também questões sociais, o imediatismo, o individualismo e as relações estabelecidas entre os jovens que acabam por contribuir para a atual situação de violência social e na escola.

Quanto às definições de violência na escola propostas pelos entrevistados, os alunos a definiram, na maioria das vezes, como ocorrência de agressões físicas e verbais nas suas relações interpessoais em ambiente escolar. Os professores também mencionaram essas ocorrências, porém incluíram nas suas definições questões mais amplas tais como a exclusão de alunos do processo de aprendizagem, o autoritarismo e a discriminação. Essas definições propostas pelos professores podem ser consideradas formas de violência simbólica, conforme o que é proposto por Abramovay (2003). Segundo a autora, a violência simbólica ou institucional, tipo de manifestação da violência que ganha destaque nas pesquisas desenvolvidas a partir da década de 1990, pode ser caracterizada como atos de violência que compreendem a utilização do poder, de símbolos de autoridade, discriminação e práticas de assujeitamento (ABRAMOVAY, 2003).

Como fatores geradores da violência na escola, os

alunos citaram questões de personalidade e fatores que dizem respeito a suas relações interpessoais. Já os professores de ambas as escolas se referiram às drogas/tráfico, questões sócio-econômicas, a família, a mídia e os amigos. Questões sociais, familiares e a mídia também foram referidas como causas possíveis para a geração da violência em ambiente escolar no estudo internacional realizado por Pietrzak, Petersen e Speaker (1998) e no estudo brasileiro empreendido por Lucinda, Nascimento e Candau (1999).

As ações propostas pelos professores de ambas as escolas no combate à violência envolveram principalmente os debates em sala de aula, o envolvimento da família e advertências aos alunos que infringem alguma norma escolar. A conversa com o aluno foi a categoria mais mencionada pelos professores da escola estadual e também foi citada por alunos de ambas as escolas. Em estudo proposto por Lucinda, Nascimento e Candau (1999), a maioria dos professores (18 entrevistados) se referiu ao diálogo como forma de lidar com a violência na escola. Pode-se perceber que os professores entrevistados enfatizam as ações voltadas para o contato e diálogo com a família e os alunos. Ao contrário dessas intervenções, as ações propostas, principalmente nas escolas americanas, estão voltadas para medidas punitivas e de segurança tais como a utilização de detectores de metais e presença de policiais dentro da escola (LUCAS, 1999). Já as ações citadas pela maioria dos alunos envolveram posturas ligadas diretamente às suas relações interpessoais com pares tais como não discutir, não provocar e não se meter.

5 Considerações finais

A escola já não pode ser considerada um local seguro e livre de manifestações violentas. Através dos relatos dos professores e alunos entrevistados foi possível levantar alguns indicadores acerca desse fenômeno de acordo com a percepção daqueles que diariamente trabalham e estudam em ambiente escolar. As agressões físicas e verbais entre pares continuam sendo amplamente citadas por professores e alunos como manifestações da violência na escola. Somam-se a esses eventos ocorrências denominadas por Abramovay (2003) como violências simbólicas, quais sejam, práticas de abuso de poder e autoritarismo.

Preocupações, não só em relação à integridade física e a segurança pessoal são mencionadas nas entrevistas, mas também é destacada uma preocupação acerca do próprio contexto social. A escola é vista como espaço que faz parte desse contexto e como tal está igualmente exposta a situações de violência. Por outro lado, os professores sentem-se impotentes para trabalhar com essas questões e entendem que a própria escola não está preparada para enfrentar essa problemática que não é só da escola, mas que diz respeito a todo contexto social e político atual.

No que se refere aos possíveis fatores geradores da

violência, a família e a mídia continuam sendo citadas como os fatores que contribuem para a geração e manutenção da violência social e escolar. Foi ainda citada pelos professores da escola estadual a deficiência da escola para trabalhar com a inclusão social. Nesse sentido, fatores externos à escola permanecem sendo amplamente referidos como fatores geradores da violência, sendo que poucas vezes o próprio ambiente escolar é incluído nos relatos como possível desencadeante de situações violentas.

As alternativas propostas por professores e alunos para o trabalho com a violência na escola difere-se substancialmente àquelas propostas em outros países (LUCAS, 1999). Tanto alternativas ligadas ao debate em relação ao tema, quanto resoluções vinculadas ao contato interpessoal (conversas, diálogo) são amplamente citadas. Assim, pode-se concluir que, segundo os entrevistados, o trabalho com a questão da violência deve envolver a constante discussão acerca do tema e a retomada do contato interpessoal entre aluno-aluno e aluno-professor.

Finalizando esse trabalho, destaca-se a importância da realização de outras pesquisas que enfoquem aspectos específicos que foram citados pelos entrevistados e apresentados nesse e em outros estudos apresentados que trataram dessa temática. A partir dos dados colhidos nessa pesquisa foi possível elaborar uma idéia inicial acerca das percepções de professores e alunos sobre algumas categorias referentes à manifestação da violência em escolas (públicas e privadas). Tais considerações iniciais podem dar subsídios para outros estudos acerca do tema e para a elaboração de propostas de intervenção junto a esse contexto.

6 Referências bibliográficas

- ABRAMOVAY, M. Enfrentando a violência nas escolas: um informe do Brasil. In UNESCO. *Violência na escola: América Latina e Caribe*. Brasília, 2003, p. 87-150.
- BATISTA, A.; EL-MOOR, P. Violência e agressão. In CODO, Wanderley (coord.). *Educação: carinho e trabalho*. Rio de Janeiro: Vozes, 1999, p. 139-160.
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1995.
- BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Portugal: Porto Editora, 1994.
- BROCKENBROUGH, K. K.; CORNELL, D. G.; LOPER, A. B. Aggressive attitudes among victims of violence at school. *Education and Treatment of Children*, v. 25, n.3, p. 273-287, aug. 2002.

- BULACH, C.; FULBRIGHT, J. P.; WILLIAMS, R. Bullying behavior: What is the potential for violence at your school? *Journal of Instructional Psychology*, v. 30, n.2, p. 156-164, jun. 2003.
- BURNS, M. K.; DEAN, V. J.; JACOB TIMM, S. Assessment of violence potential among school children: Beyond profiling. *Psychology in the Schools*, v. 38, n.3, p. 239-247, may. 2001.
- CAMACHO, L. M. Y. As sutilezas das faces da violência nas práticas escolares de adolescentes. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 27, n.1, p. 123-140, jan/jun. 2001.
- CAMARGO, C. ET ALII. Violência praticada por adolescentes em escola de primeiro grau. *Revista Baiana Enfermagem*, v. 12, n.1, p. 5-20, abr. 1999.
- CASTRO, M. R. B. *A vida e a morte nas representações de violência de crianças e adolescentes*. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação da UFRJ. Rio de Janeiro, 1998.
- CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Resolução MS nº 196/96. Psicologia e Legislação nº 8. *Conselho Federal de Psicologia*, Brasília, 1999.
- FARREL, A. D. ET ALII. Development and evaluation of school-based violence prevention programs. *Journal of Community Psychology*, v. 30, n.2, p. 207-220, 2001.
- FISHER, K.; KETTL, P. Teachers' perceptions of school violence. *Journal of pediatric health care*, v. 17, n. 2, p. 79-83, mar/apr. 2003.
- GUIMARÃES, M. E. *Escola, galeras e narcotráfico*. Tese (Doutorado) – PUC Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1995.
- HILL S.C.; DROLET J. C. School-related violence among high school students in the United States, 1993-1995. *J Sch Health*, v. 69, n.7, p. 264-72, 1999.
- ILANUD - Instituto Latino Americano das Nações Unidas para a Prevenção do Delito e Tratamento do Delinqüente. Violência nas escolas. *Revista do ILANUD*, n. 16, 2000.
- LOWRY, R. et alii. School violence, substance use, and availability of illegal drugs on school property among US high school students. *J Sch Health*, v. 69, n.9, p. 347-55, 1999.
- LUCAS, P. Violência na escola: questão de segurança ou de pedagogia? *Pátio*, ano 2, nº 8, fev/abr. 1999.
- LUCINDA, M. C.; NASCIMENTO, M. G.; CANDAU, V. M. *Escola e violência*. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
- MAGUIRRE, T. O.; ROGERS, W. T. Proposed solutions for non randomness in educational research. *Canadian Journal of Education* 1989; 14(2): 170-181.
- MINAYO, M. C. O significado social e para a saúde da violência contra crianças e adolescentes. In WESTPHAL, M. F. *Violência e criança*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002, p. 95-114.
- NATVIG, G. N.; ALBREKTSSEN, G.; QVARNSTROM, U. School-related stress experience as a risk factor for bullying behavior. *Journal of youth and adolescence*, v. 30, n.5, p. 561- 575, oct. 2001.
- OLIVEIRA, C. R. *O fenômeno da violência em duas escolas: estudo de caso*. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação da UFRGS. Porto Alegre, 1995.
- O'KEEFE, M. Adolescents' exposure to community and school violence: prevalence and behavioral correlates. *J Adolesc Health*, v. 20, n.5, p. 368-76, 1997.
- PAIN, J. La question et la place de l'école dans la prevention de la violence: Vers une clinique institutionnelle. *Pratiques Psychologiques*, n.2, p. 3-12, 2001.
- PIETRZAK, D.; PETERSEN, G. J.; SPEAKER, K. M. Perceptions of school violence by elementary and middle school personnel. *Professional School Counseling*, v. 1, n.4, p. 23-29, apr. 1998.
- PITTEL, E. M. How to take a weapons history: Interviewing children at risk for violence at school. *Journal of the American Academy of Child and Adolescent Psychiatry*, v. 37, n.10, oct. 1998.
- REIS, A. C. C.; IMPROISE, A. C. F.; VELOZO, L. M. Violência e escola: influências no comportamento social. In: XII ENCONTRO NACIONAL DA ABRAPSO, 2003. Porto Alegre: PUCRS. Disponível em CD-ROM.
- SANTOS, A. C. G. *Violência interpessoal e adolescência: um estudo nas escolas de Camaçari-Bahia*, 1996. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Saúde Coletiva. Salvador, 1998.
- SEEDAT, S. et alii. School survey of exposure to violence and posttraumatic stress symptoms in adolescents. *Southern African Journal of Child and Adolescent Mental Health*, v. 12, n.1, p. 38-44, 2000.

SILVA, A. M. M. A violência na escola: a percepção dos alunos e professores. *Série Idéias*, n. 28. São Paulo: FDE, 1997.

SPOSITO, M. Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil. *Educação e Pesquisa*, v. 27, n.1, p. 87-103, jan./jun. 2001.

TRIVIÑOS, A. N. S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais – a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.

Simone Bicca Charczuk
Psicóloga, mestranda em Ciências da Saúde pela
Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos, São
Leopoldo, RS.
Rua Adão Bairo, 373/213, Bairro Cristo Redentor
CEP 91350-240, Porto Alegre/RS.
E-mail: sibicca@ig.com.br

Marcos Alencar Abaide Balbinotti
Psicólogo, Doutor em Psicologia, Professor e Pesquisador
na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos,
São Leopoldo, RS.
Rua Luzitana, 1398/501, Bairro Higienópolis
CEP 90520-080, Porto Alegre/RS.
E-mail: mbalbinotti@terra.com.br
